UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE

Rafaela Evangelista de Paiva

O PROCESSO CRIATIVO DE JOHN GALLIANO NO DESFILE "BAILE DE ARTISTAS" PARA A *MAISON* DIOR

Juiz de Fora
2014

Rafaela Evangelista de Paiva

O PROCESSO CRIATIVO DE JOHN GALLIANO NO DESFILE "BAILE DE ARTISTAS" PARA A *MAISON* DIOR

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Fernando Ribeiro da Silva

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paiva, Rafaela Evangelista de.
O processo criativo de John Galliano no desfile "Baile de artistas" para a Maison Dior / Rafaela Evangelista de Paiva. -- 2014.
53 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Ribeiro da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, 2014.

1. Moda. 2. Dior. 3. John Galliano. 4. Criação. 5. Arte. I. Silva, Luiz Fernando Ribeiro da , orient. II. Título.

Rafaela Evangelista de Paiva

O PROCESSO CRIATIVO DE JOHN GALLIANO NO DESFILE "BAILE DE ARTISTAS" PARA A *MAISON* DIOR

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

BANCA EXAMINADORA

Luiz Fernando Ribeiro da Silva – UFJF (Orientador)

Javer W. Volpini – UFJF

Mônica de Queiroz Fernandes Araújo Neder – UFJF

Examinada em: 01/08/2014.

A minha mãe, Angela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Àquele que me presenteou com o bem mais precioso, a vida. Ele, que sempre se fez presente nas lutas pela busca dos meus ideais. Obrigada Deus, por mais essa vitória.

À minha mãe Ângela, pessoa que eu sigo como exemplo, agradeço pela dedicação, pelo amor e afeto que sempre me proporcionou, agradeço também por ser a pessoa que mais me apóia e que acredita nos meus sonhos, que me incentiva a concretizá-los, e por estar sempre ao meu lado ajudando nas dificuldades encontradas ao longo da vida.

Ao meu pai Geraldo, que sempre me incentivou a estudar.

À minha família, por estar ao meu lado nos momentos que mais precisei.

Aos amigos que fiz durante o curso, dos quais dividi angústias e alegrias, e aos que já se encontravam na minha vida, agradeço pela amizade verdadeira, pela cumplicidade, paciência e pelas boas risadas que me deram força para prosseguir.

Ao meu namorado, César, meu melhor amigo e companheiro, agradeço por todo apoio prestado, que foi fundamental desde o principio da realização deste projeto.

Ao meu orientador, Luiz Fernando Ribeiro, pela sua dedicação indispensável no amadurecimento dos meus conhecimentos que me levaram à execução e conclusão deste trabalho, e também por todos os conselhos dados, que foram muito importantes na minha vida acadêmica.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que me incentivaram e que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado, para estes, meu sincero muito obrigada!

“A pesquisa criativa é o segredo ou o truque que embasa todo design original.”

JOHN GALLIANO

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre a criação na área de moda e sua relação com arte. Para tal feito, conceitos de processo criativo e de desfile de moda serão elucidados. O projeto também irá evoluir através do entendimento da *Maison* Dior e da trajetória da carreira do estilista John Galliano, pois assim podemos investigar seu exercício criativo dentro da marca. O resultado desta pesquisa é uma analise do desfile “Baile de Artistas” – comemoração de 60 anos da marca – ilustrando e comentando roupas, acessórios, maquiagem, penteado, cenário e música, além de uma comparação entre as obras de arte e os looks neles inspirados, analisando as práticas estilísticas de Galliano.

Palavras-chave: Moda. Dior. John Galliano. Criação. Arte.

ABSTRACT

This work consists of the study about creation in fashion and your relationship to art. For this feat, creative process concepts and fashion show will be elucidated. The project will also develop through understanding of the *Maison* Dior and trajectory of the career of designer John Galliano, for then we can investigate your creative exercise within the brand. The result of this research is an analysis of the parade "Ball of Artists" - celebrating 60 years of the brand - illustrating and commenting clothes, accessories, makeup, hairstyle, scenery and music, plus a comparison between works of art and looks inspired them, analyzing stylistic practices by Galliano.

Keywords: Fashion. Dior. John Galliano. Creation. Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Coleção de graduação de John Galliano - *Les Incroyables*, 1984..... 20
Figura 02- John Galliano..... 22
Figura 03- Criações de John Galliano..... 29
Figura 04- Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture..... 35
Figura 05- Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture..... 36
Figura 06- Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture..... 36
Figura 07- Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture..... 37
Figura 08- Acessórios..... 37
Figura 09- Acessórios..... 38
Figura 10- Acessórios..... 38
Figura 11- Maquiagem e penteado..... 39
Figura 12- Cenário..... 39
Figura 13- Cenário..... 40
Figura 14- Capa do livro Jean Cocteau..... 44
Figura 15- White Center Yellow, Pink and Lavender on Rose, Mark Rothko, 1950…… 45
Figura 16- Harlequim, Paul Cezanne, 1888……..…… 46
Figura 17- Dancers Behind a Window Blow, Edgar Degas, 1879…… 46
Figura 18- Vétheuil, Claude Monet, 1901……... 47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 CRONOLOGIA DA *MAISON* DIOR..... 12

2.1 O INICIO COM CHRISTIAN DIOR..... 13

2.2 SOBRE CRIADORES DA *MAISON* DIOR..... 15

2.3 JOHN GALLIANO..... 19

3 O PROCESSO CRIATIVO DE JOHN GALLIANO NA *MAISON* DIOR..... 23

4 A INTERAÇÃO ARTE-MODA NO DESFILE "BAILE DE ARTISTA"... 30

4.1 ALTA-COSTURA..... 32

4.2 ANÁLISE DO DESFILE "BAILE DE ARTISTAS"..... 34

4.3 INTERAÇÃO ENTRE MODA E ARTE..... 41

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 48

REFERÊNCIAS..... 50

1 INTRODUÇÃO

A temática que este trabalho aborda surgiu a partir de dois interesses: o primeiro de tentar compreender o processo criativo na área de moda e o outro de investigar a interação entre moda e a arte. Para isto, a pesquisa se desenvolverá a partir da reflexão sobre as práticas construtivas e a forma de um designer se expressar e apresentar seu produto para a sociedade através da análise do desfile “Baile de Artistas”, alta-costura outono/inverno 2007/08 da *Maison* Dior, desenvolvida pelo estilista John Galliano, e que trás como principal referência obras de renomados pintores.

A escolha do estilista John Galliano se deu pelo fato de ser um criador com características peculiares, como excentricidade, onde a sua teatralidade e extravagância são transmitidas para a sua criação em moda. Já a escolha do desfile “Baile de Artistas” realizado em 2007 no Palácio de Versalhes para a *Maison* Dior, se deu porque foi uma apresentação desenvolvida por este estilista, mostrando por meio de *looks* com muitos volumes, cores e brilhos, uma inspiração em elementos artísticos, extraídos de quadros de famosos artistas plásticos, como Monet, Paul Cezanne, Edgar Degas, Mark Rothko, entre outros.

Para estruturar este estudo, iniciamos a pesquisa apresentando a *Maison* Dior onde Galliano apresentou a coleção em análise, e seus criadores, desde o fundador Christian Dior, até os seus sucessores, como Yves Saint Laurent, Marc Bohan, Gianfranco Ferré, Bill Gaytten, Raf Simons, focando em John Galliano - estilista em análise, visando compreender seu processo criativo dentro da marca.

Em seguida, esclarecemos como se cria o novo, através do processo criativo e a produção estética, no âmbito de geração de ideias exprimindo sentimentos, conhecimentos, experiências pessoais, intuição, desejo de autoafirmação e também de comunicação.

Além disso, iremos explicar a concepção de um desfile de moda, pois este serve como “lente de aumento” para facilitar o entendimento dos conceitos que o estilista almeja transmitir. Posteriormente, iremos falar sobre moda, arte

e as suas interfaces, onde serão mostrados objetos de moda com características e conceitos artísticos que enriquecem agregando valor à peça.

O desfile “Baile de Artistas” foi escolhido para ser analisado, pois servirá como apoio para buscarmos nele coerência nas práticas de design de moda de John Galliano, mostrando através dele, como o estilista se inspirou para a construção do conceito da coleção, e onde buscou referências para desenvolver os *looks*, os acessórios, os penteados, as maquiagens, até mesmo para fazer a escolha da trilha sonora e da cenografia.

Esta pesquisa foi produzida de maneira secundária, ou seja, através de análises, sínteses e interpretações de outros autores, encontradas em pesquisas bibliográficas, também através da leitura de artigos publicados em revistas e sites, artigos acadêmicos e livros. Todas essas fontes foram vistas, analisadas e interpretadas ao longo do trabalho.

2 CRONOLOGIA DA *MAISON* DIOR

Fundada em 1946 por Christian Dior, a Casa que recebeu o sobrenome de seu criador, é uma conceituada empresa francesa do setor de moda e de vestuário de luxo.

Segundo Sabino (2007, p. 170), sua história inicia-se quando Christian Dior é apresentado a Marcel Boussac, um grande empresário da indústria têxtil que o concedeu apoio financeiro para abrir sua *Maison*[1], no número 30 da A*venue* Montaigne, em Paris.

Continuando com os dados de Marco Sabino, no ano de 1947, Dior lançou sua primeira coleção de roupas femininas, resgatando a feminilidade perdida durante o período da Segunda Guerra Mundial, lançando ainda, neste mesmo ano, o perfume Miss Dior. Em 1948, inaugurou o departamento de roupas de peles de alto luxo. Já no ano de1949 a empresa previu sua expansão e iniciou acordos para licenciar novos produtos. Além disso, em 1956 já haviam sido lançados outros perfumes, uma linha de batons, objetos para a casa, e também criados departamentos para a produção de calçados, iniciado a confecção de luvas e meias, e ainda, neste mesmo ano, aberto uma loja em Londres e uma em Nova Iorque.

No ano 1957, a *Maison* Dior perde o seu fundador Christian Dior, o diretor-chefe morre de ataque cardíaco, deixando seu legado como um dos maiores nomes da história da moda. Após a morte de Dior, a *Maison* passou por várias sucessões que serão apresentadas ainda nesta seção do trabalho.

Sabe-se que o grupo de Boussac, o primeiro a financiar a Casa Dior, não ia muito bem financeiramente na década de 1980, e em 1984, o grupo financeiro Agache de Bernard Arnault comprou parte da empresa, tornando-se ainda presidente e diretor-gerente da Dior. Em 1987, Arnault fundou o mais importante conglomerado de empresas de bens de luxo mundo, a LVMH, Louis Vuitton - Moët Hennessy, que possuiu partes totais ou parciais de inúmeras empresas como Pucci, Marc Jacobs, Kenzo, Donna Karan e Givenchy. A empresa Christian Dior é a mais importante *holding,* ou seja, é ela quem possui

[1] Em português Casa, é o estabelecimento de alta costura.

a maioria das ações e administra as empresas pertencentes ao grupo LVMH. Bernard Arnault, acionista majoritário da Dior é presidente de ambas as empresas e CEO[2] da LVMH.

John Galliano, estilista nomeado diretor criativo da marca, chamou atenção por seus desfiles performáticos e criações inusitadas, que revitalizaram a marca e consequentemente mantendo o nome da Casa em evidência.

2.1 O INÍCIO COM CHRISTIAN DIOR

Christian Dior nasceu em 21 de janeiro de 1905, em Granville na França, filho de um burguês fabricante de adubos, Maurice Dior. Iniciou sua vida profissional abrindo uma galeria de arte junto de Jacques Bonjean.

Segundo Seeling (2011), desde pequeno teve uma afeição pela moda e pela elegância de sua mãe. De acordo com Sabino (2007), na década de 1930, Dior perdeu a mãe vitima de câncer, e presenciou a falência dos negócios do pai, o que acabou acarretando o fechamento da sua galeria e começando assim, a vender croquis de moda para jornais.

> No inicio dos anos 30, depois de o pai perder toda a sua fortuna devido ao *crash* bolsista e a alguns maus investimentos, o mimado Christian teve de garantir o seu próprio sustento. Graças ao seu talento para as artes, rapidamente encontrou um emprego de estilista junto de Robert Piquet (SEELING, 2011, p. 120).

No ano de 1939, Dior interrompeu sua carreira de estilista ainda recente, pois havia sido convocado pelo exército para à guerra. Logo depois de retornar-se conseguiu um emprego com o costureiro Lucien Lelong, onde trabalhava com o estilista Pierre Balmain. Alguns anos depois, foi apresentado ao grande fabricante de tecido Marcel Boussac, pois tinha em mente uma coleção em que havia um grande gasto de tecido. Com isso, ele despertou

[2] Sigla em inglês - *Chief Executive Officer*, que significa Diretor Executivo, é a pessoa de maior autoridade dentro da hierarquia organizacional de uma empresa.

interesse no empresário, e quando Christian Dior quis abrir sua própria *Maison*, Boussac prestou seu apoio financeiro.

> A 12 de fevereiro de 1947, Christian Dior apresentou a sua primeira coleção de alta-costura e, apesar dos 13 graus negativos no exterior, os ânimos aqueciam no atelier da Avenue Montaigne: quando é que se tinham visto linhas redondas e tão suaves, cinturas tão delicadas e saias tão largas e luxuosas pela última vez? Na Belle Époque! E no entanto, duas guerras mundiais mais tarde esta linha tinha o mesmo efeito: nova, provocante e maravilhosamente feminina. Foi Carmel Snow, a chefe de redação da Harper's Bazaar, que deu o nome a este estilo que entrou para a história da moda: "É uma revolução, caro Christian", disse ela ao tímido estilista. "Os teus vestidos têm um *new look* impressionante" (SEELING, 2011, p. 115).

Entende-se que a linha Corola, nome que Dior tinha dado a sua coleção e que foi mudado para *"New Look"* depois de uma fala de Carmel Snow, possuía um visual adequado ao momento em que se vivia o pós-guerra. A aparência transmitida na década de 1940 era austera, os ombros eram quadrados e as saias retas. Em contrapartida a população que tinha passado por grandes momentos de privações durante a Segunda Guerra Mundial, agora estavam tendo o prazer de comprar um visual novo que "trazia uma silhueta de ombros estreitos e arredondados, saia ampla e cintura bem apertada, complementados por chapéu elegante, luvas e escarpins." (SABINO, 2007, p.170), revolucionando, assim, o mundo da moda.

> A coleção de inverno, que Dior apresentou em agosto do mesmo ano, trouxe vestidos cujas saias atingiam até 40 metros de perímetro, tendo sido igualmente aclamada. A grande arte de Dior consistiu em despertar esse tipo de entusiasmo fervoroso, duas vezes por ano e ao longo de toda uma década. Em 1949, só Dior negociava 75% de todas as exportações de moda francesa (SEELING, 2011, p. 114).

Segundo Seeling (2011), Christian Dior foi exímio em marketing[3], inseriu a teatralidade nos desfiles de moda, onde modelos rodavam suas saias em um espetáculo que durava em média duas horas. Outro fato que levou Dior a ser um célebre em vendas foi por ter sido o primeiro a mudar o comprimento de

---

[3] "s. m. [termo inglês] Estudo sobre as estratégias de vendas; mercadologia." (BUENO, 1996, p. 417).

uma bainha, ou até mesmo a estrutura de toda uma coleção para outra, fazendo com que suas clientes desejassem o novo.

> Duas vezes por ano, antes de cada coleção, Dior caía numa depressão profunda. Fechava-se então na sala de trabalho de uma das suas casas de campo, nas proximidades de Fontainebleau ou na Provença, e não deixava ninguém aproximar-se, exceto um criado que lhe levava refeições numa bandeja. Sentado à sua secretária, Dior fazia esboços provisórios num grande bloco, perdia-se em hieróglifos sonhadores e rabiscos sem propósito, até o momento em que, subitamente, a inspiração chegava e ele via desenharem-se com clareza as silhuetas da sua nova coleção. Durante estes dias tenso e de angustia, meia dúzia dos seus assistentes permaneciam na casa, em compasso de espera, aguardando nervosamente a sua saída. Quando por fim Dior surgia, com centenas de folhas na mão, rejubilavam e dedicavam-se à elaboração cuidada dos seus esboços (SEELING, 2011, p.125).

De acordo com Seeling (2001), Dior era uma pessoa discreta e cordial com todos, suas coleções aparentavam uma alegre elegância, diferentemente do que vivia, uma angústia artística que às vezes o fazia esquecer do sucesso de seus negócios. Christian Dior também era supersticioso, tinha uma vidente ao seu lado para consultar sempre que necessário.

> Em meados de setembro, a sua vidente Delahaye viu um mau presságio nas suas cartas e recomendou-lhe que alterasse os seus planos de viagem. Pela primeira vez, ele não a quis ouvir. Levou então o motorista, a designer de moda principal e uma jovem afilhada consigo para fazer a cura em Itália. Ao décimo dia da sua estadia, a 23 de outubro de 1957, Dior teve um colapso à noite, pouco depois de terminar um jogo de canastra. Com apenas 52 anos, faleceu um dos mais influentes estilistas de todos os tempos, vítima de um ataque cardíaco (SEELING, 2011, p.125).

Então, no ano de 1957, a *Maison* Dior perde seu criador, um dos maiores artista da alta-costura, em seguida Yves Saint Laurent é designado a substituí-lo, tornando-se o mais jovem costureiro do mundo, com 21 anos.

2.2 SOBRE OS CRIADORES DA *MAISON* DIOR

Após o falecimento de Christian Dior, vários estilistas foram nomeados responsáveis pela direção criativa da Casa, cada um com suas peculiaridades elucidaram em suas coleções a feminilidade e a sofisticação referente ao caráter estético da marca.

Nomes como o próprio Christian Dior, Yves Saint Laurent (1958 – 1960), Marc Bohan (1960 – 1989), Gianfranco Ferré (1989 – 1997), John Galliano (1997 – 2011), Bill Gaytten (2011 - 2012) e Raf Simons (2012 – atualmente), protagonizaram as criações e fizeram desta marca uma geradora de desejos, reconhecida pelo mundo todo. Abaixo, relataremos um pouco sobre a passagem destes profissionais pela *Maison* Dior.

Yves Henri Donat Mathieu-Saint Laurent**,** primeiro estilista que substituiu Christian Dior, começou sua carreira aos 15 anos de idade, desenhando figurino de balé na sua cidade natal Oran, Argélia.

Segundo Benaïm (1994, p.434), Saint Laurent venceu um concurso de melhor vestido entre seis mil croquis, no Concurso de Secretariado da Lã com um modelo de coquetel em crepe negro.

De acordo com Marco Sabino (2007), Saint Laurent mudou-se para Paris, e em 20 de junho de 1955 foi contratado pela *Maison* Dior como assistente de modelista. Contudo, foi com a morte de Christian Dior que Yves Saint Laurent veio a se tornar seu sucessor, dando continuidade à direção artística da Casa.

> Com a morte de Dior em 1957, o jovem Yves foi indicado para a sucessão e, em 30 de janeiro de 1958, outra foto tornava-se histórica no universo da moda. Nesta, o tímido estilista aparecia no balcão da sede Dior, localizada no número 30 da Avenue Montaigne, surpreendido pelos gritos Saint Laurent! Saint Laurent!, entoados pela multidão aglomerada na rua (SABINO, 2007, p. 648).

Conforme Braga (2013), Yves desenvolveu em 1958 sua primeira coleção na alta-costura[4] pela Dior e ficou conhecido pelos vestidos de linha mais solta, que logo tornou sucesso entre as mulheres, o que levou o estilista a uma carreira de grande prestigio e notoriedade internacional.

---

[4] “A alta-costura é considerada a arte de criar e confeccionar roupas femininas originais, sofisticadas e únicas, necessitando e provas até sua finalização e exigindo mão de obra extremamente qualificada.” (SABINO, 2007, p. 37).

> [...] Yves Saint Laurent inovou ao lançar para a moda feminina vestidos que tinham uma modelagem mais próxima ao corpo na parte superior à altura do colo e que abriam diagonalmente em direção às pernas, criando uma silhueta solta que recebeu o nome de linha trapézio, pois se assemelhavam planificadamente a essa figura geométrica (BRAGA, 2013, p. 78).

Segundo Sabino (2007), em 1960 o estilista foi convocado para prestar serviço militar, o que ocasionou sua saída, sendo substituído pelo estilista Marc Bohan na *Maison* Dior. Yves foi dispensado do serviço militar para cuidar de problemas de saúde, mas após sua cura, uniu-se com Pierre Bergé e abriu sua própria *Maison* em 1961.

> 29 de janeiro de 1962: Yves Saint Laurent apresenta o primeiro desfile de sua grife. “O melhor conjunto de *tailleurs* desde Chanel” O *‘now-look’* ou as ‘bases’ do estilo Saint Laurent: a blusa, o *caban*, a *marinière*, o mantô. “O grande talento de Yves Saint Laurent é o de dar um aspecto aristocrático aos tiques de sua época” (Lucien François, *Cambat*, 23 de fevereiro de 1962) (BENAÏM, 1994, p. 436).

Sabe-se que o estilista possuía um grande interesse pela arte, o que influenciou as suas coleções, acarretando vestidos de caráter artístico, como o vestido Mondrian, de 1965, que contribuiu para tornar o estilista um dos grandes nomes da moda do século XX, mostrando para o mundo sua sensibilidade para a indústria da moda.

> Julho de 1965: triunfo da coleção *“Mondrian”* (alta-costura, inverno de 1965-1966). *“The Best collection”,* segundo o *New York Times*. Para o *Women’s Wear Daily*, Yves Saint Laurent torna-se ‘o rei de Paris’: “Eu estava cheio de fazer vestidos para bilionárias entediadas” (BENAÏM, 1994, p. 436).

Conforme Sabino (2007), foi criada a Fundação Pierre Bergé – Yves Saint Laurent, em Paris, onde é armazenado peças de alta-costura e prêat-à-porter[5], sapatos e acessórios, criados pelo estilista, que hoje é considerado objetos de estudo e ficam expostos neste local.

---

[5] Pronto para vestir, ou seja, são roupas que não são feitas sob medida e que já se encontram disponíveis prontas, confeccionadas em escala industrial.

De acordo com Marco Sabino (2007), o francês Marc Bohan, nascido em 1926, começou sua carreira trabalhando com nomes como Robert Piguet, Edward Molyneux e Jean Pateau. Dentro da Dior substituiu Yves Saint-Laurent no ano de 1960, destacou-se com a coleção de 1966, inspirada no filme Dr Jivago, com longos casacos acinturados e adornados com peles. Marc Roger Maurice Louis Bohan, trabalhou até 1989 na *Maison*, quando foi substituído pelo italiano Gianfranco Ferré.

O arquiteto nascido na Itália se introduziu na moda na década de 1970, e que segundo Sabino (2007), o estilista conhecido pela moda rica em detalhes e cortes extraordinários, desenhou para outras grifes até fundar sua própria marca, em 1978. Em 1989, foi escolhido para desenvolver coleções na *Maison* Dior.

> A década de 1980 trouxe uma significativa projeção de japoneses e italianos no mundo da moda. [...] ao passo que os italianos projetavam-se cada vez na moda internacional em seu próprio país. [...] A moda francesa, para não ficar abalada, tomou a iniciativa de trazer nomes expressivos da Itália para a França. Foi o que aconteceu na Casa Dior quando convidou e nomeou Gianfranco Ferré para a direção artística das suas coleções de alta-costura, *prêt-à-porter* e peles (BRAGA, 2013, p.105).

De acordo com Seeling (2011), Ferré trabalhou na casa até 1997, quando foi desligado das atividades por motivos de saúde e também para dedicar-se a própria marca, logo substituído por John Galliano, do qual trataremos em especial na próxima parte desta sessão do trabalho.

Bill Simons Gaytten ficou a frente da marca logo após a saída conturbada de John Galliano da Dior, em 2011.

Conforme Catarina (2014), o britânico que já trabalhava nos bastidores da Casa foi designado a dar continuidade a *Maison* enquanto não se nomeava um novo diretor criativo, mas em 2012, deu lugar ao estilista Raf Simons.

Nascido na Bélgica, segundo Sabino (2007), Raf Simons estudou design industrial, mas escolheu seguir carreira no estilismo. Estagiou com o Walter Van Beirendonck, e logo depois abriu sua própria marca. Em 2005 foi convidado a ser diretor criativo da Maria Jil Sander, marca que pertence ao grupo italiano Prada.

Em 2012, foi anunciado que iria substituir Bill Gaytten como diretor criativo da Dior, concluindo assim, um período de transição após a saída de John Galliano.

De acordo com Catarina (2014), desde sua admissão, Raf Simon apresenta coleções femininas e elegantes, cheias de menções aos primeiros modelos minimalistas da marca.

2.3 JOHN GALLIANO

Juan Carlos Antonio Galliano Guillén, mais conhecido como John Galliano, conseguiu chegar ao ápice da carreira trabalhando no mercado de luxo.

Nascido no ano de 1960, o estilista filho de um bombeiro hidráulico inglês e de mãe de origem espanhola que o vestia sempre com roupas bem engomadas, foi uma grande influenciadora na vida do filho, ensinando a dança flamenca e também o gosto pelo estilo barroco.

Segundo Seeling (2011), quando criança, Galliano residiu na cidade de Gibraltar e para chegar à escola ele tinha que passar pela cidade Tânger, onde via no trajeto o mercado marroquino repleto de tecidos e tapetes coloridos, especiarias, aromas e a exuberância da vida mediterrânea, que o marcou em suas experiências pessoais, sensibilizando e subjetivando seu sentido estético futuro. Em seguida, a família muda-se para Londres, na Inglaterra, e John é matriculado aos 16 anos em uma escola de estilismo.

Sabe-se que foi no *National Theatre*, que Galliano começou a ter seu nome conhecido entre os atores como o melhor engomador, trabalhava no teatro como assistente de guarda-roupa, onde “se sentia verdadeiramente em casa” (SEELING, 2011, p. 256).

Já em 1984, graduou-se pela *Saint Martin’s School of Art*, faculdade onde cursou Design de Moda. Sem dinheiro para investir na coleção de final de curso, mas cheio de ideias, chamou a atenção mais do que qualquer outro aluno da escola apresentando oito conjuntos unissex inspirados na França pós-revolução, com um toque romântico e teatral motivado pela sua experiência como figurinista no *National Theatre*, conforme figura 01. “A primeira coleção

foi totalmente adquirida pela casa de moda Browns, que vendeu todas as peças tão elogiadas pela comunicação social e pelos círculos de moda" (SEELING, 2011, p. 256).

Figura 01: Coleção de graduação de John Galliano - *Les Incroyables*, 1984

Fonte: Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://civilianglobal.com/design/les-incroyables-london-1984-john-galliano-central-saint-martins-club-to-catwalk/&prev=/search%3Fq%3Dles%2Bincroyables%2Bgalliano%26client%3Dfirefox-a%26hs%3DG6Q%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dfflb%26biw%3D1920%26bih%3D887>. Acesso em: 22 jun. 2014.

John Galliano também veio a criar figurinos para discotecas:

> [...] Londres foi durante algum tempo o epicentro da moda, onde os mais ávidos de notoriedade produziam-se com vestuário chamativo para se exibirem nos clubes mais procurados. O palco favorito destas aves raras era a discoteca "Taboo", onde era tabu, antes pelo contrário, todas as drogas e orientações sexuais eram aceites. Um dos clientes habituais era Galliano, que se reinventava semana após semana. "Honestamente, eram precisos dois dias para nos acabarmos de produzir", afirmou na altura (SEELING, 2011, p.256).

Segundo Sabino (2007), Galliano nomeou sua primeira marca como *Ludic Game*, esse seria o inicio de uma carreira surpreendente. Obteve seu talento apreciado por várias pessoas, mas sem grande sucesso nas vendas.

Mesmo sem recursos Galliano não deixou de criar e afirmar a sua moda irreverente e expressiva. Segundo Seeling (2011), sua moda afastou alguns investidores, pois era complicada para a produção em série. Suas coleções sempre contavam com um fundo histórico e nos desfiles gastava mais que seus concorrentes e também na passarela produziam encenações performáticas.

> Em 1991 Galliano decidiu mudar-se para Paris, onde continuou a trabalhar com poucos recursos, sem deixar de ser muito elogiado. Dois anos mais tarde, o parceiro de negócios local abandonou também a sociedade e foram muitas as vezes em que Galliano teve de dormir no chão da casa de amigos... até conseguir apresentar a coleção "Princess Lucrecia", criada de um dia para o outro, no palacete da poltrona portuguesa São Schumberger. Na altura, a imprensa escreveu que a coleção era "apenas comparável a alta-costura". Este elogio chamou a atenção de Bernard Arnaut, o dono da LVMH, o maior grupo de empresas de luxo do mundo que incluía casas de alta-costura como a Dior, Givenchy e o mais jovem Lacroix (SEELING, 2011, p. 264).

Em julho de 1995, Galliano foi contratado por Bernard Arnaut para criar coleções de alta-costura e prê-à-porter na Givenchy, mas logo depois, em 1997 John Galliano estava iniciando seus trabalhos como estilista principal da *Maison* Dior, surpreendendo o mundo com seu novo modo de criar que marcou sua carreira por mudar o conceito de uma das casas mais tradicionais da moda francesa.

"John Galliano encarna a imagem perfeita do estilista no imaginário da maior parte das pessoas" (SABINO, 2007, p. 378), exótico e camaleônico com sua aparência, sabe-se que muda de visual a cada coleção. Possui uma abundante fonte de ideias e seu sucesso deve-se ao trabalho incansável. Galliano "era um *workaholic*, que desenhava e pesquisava livros, museus e arquivos horas a fio e levava a moda muito a sério" (SEELING, 2011, p. 264).

> Homenageou em sua passarela, antigos amigos como Trojan e o transformista Leigh Bowery, personagens da cena underground londrina nos anos 80, antes rechaçados pela burguesia. Inseriu peças inspiradas no universo fetichista em suas coleções Dior, ganhando o aplauso da maior parte das cabeças coroadas da moda internacional. O estilista assina também coleções para a sua própria marca, vendidas na butique John Galliano, situada na rue Saint Honoré, em Paris. Lançou uma ousada coleção masculina em janeiro de 2004 e foi aclamado como John Galliano, o Magnífico pelo deslumbramento e impacto de sua coleção de alta-costura para a Dior, inspirada no Antigo Egito, apresentada em janeiro de 2004 (SABINO, 2007, p. 378).

Estes e outros feitos de Galliano foram reconhecidos em 2005, quando foi "considerado um dos mais talentosos estilistas contemporâneos, mantendo a viva lenda Dior" (SABINO, 2007, p. 378).

De acordo com a revista **PURETREND**, por conta de um incidente pessoal, em março de 2011, Galliano foi demitido da Dior, de sua marca homônima, além de perder a condecoração da Legião de Honra Francesa. Em julho de 2012, a pedido da modelo Kate Moss, o estilista desenhou seu vestido de casamento. Mas não tardou muito para o estilista, figura 02 abaixo, dar a volta por cima e assinar um contrato de três anos com o grupo italiano Ittierre SpA, e Oscar de La Renta o convidou para ajudar em suas coleções:

> De acordo com de la Renta, o convite foi lúcido e em boa hora: "John e eu nos conhecemos há muitos anos e eu sou um grande admirador do seu talento", disse; e completou: "Ele tem trabalhado muito bem em sua recuperação e estou feliz por lhe dar a oportunidade de voltar ao mundo da moda em um ambiente onde ele tem sido tão criativo".
> John comentou estar feliz com a oportunidade: "Sou grato a Oscar. Além das palavras ao me convidar para passar este tempo com ele nos ambientes familiares de um estúdio de design, seu apoio e fé em mim são tocantes", disse (PURETREND, 2013).

Figura 02: John Galliano

Fonte: Disponível em: <http://siterg.terra.com.br/moda/2013/05/08/nao-rolou/>. Acesso em: 01 jul. 2014

John Galliano aos poucos foi regressando suas atividades, sabe-se que é o novo diretor criativo de beleza da L’Etoile, a maior rede de produtos de cosméticos da Rússia, que possui uma média de 750 lojas e 150 marcas em seu portfólio. “Será dele a responsabilidade pelo desenvolvimento de mais de dez mil fragrância de grifes como Chanel, Estée Lauder, Givenchy e Guerlain. [...] além de assinar figurinos para peça inspirada na obra de Oscar Wilde” (RG, 2014).

3 O PROCESSO CRIATIVO DE JOHN GALLIANO NA *MAISON* DIOR

A necessidade de comunicação do homem faz com que ele se relacione com o externo se expressando, “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 1986, p.10).

Segundo Rosa, Poelking e Gruber (2011), o processo criativo dá-se pelos processos subjetivos e dinâmicos. Primeiro, de entender a maneira de ver o mundo, e depois, de compreender a relação do sujeito com a matéria e transformando-a em produto. É neste caminho que o criador passa por severos momentos de inquietações e experimentações, seguidos de organização de ideias e pensamentos estéticos. Ele sabe exatamente o que quer transmitir.

Podemos afirmar que criar é fazer algo novo, é dar forma aos sentimentos, aos conhecimentos e às experiências pessoais, pois a criatividade é própria do homem e este precisa dela para se realizar e se autoafirmar no mundo em que vive. O criador fugindo da ameaça da irrealização consegue obter novas experiências que podem aumentar o seu grau de conhecimento enriquecendo-o até mesmo com novas reflexões.

> O ato criador não nos parece existir antes ou fora do ato intencional, nem haveria condições, fora da intencionalidade, de se avaliar situações novas ou buscar novas coerências. Em toda criação humana, no entanto, revelam-se certos critérios que foram elaborados pelo indivíduo através de escolhas e alternativas (OSTROWER, 1986, p. 11).

No âmbito da geração de ideias, é necessário um referencial que conduza a criação, pois “cria-se sobre o existente, mas especialmente sobre as possibilidades latentes, sobre o devir, que configura novas significações por meio das quais desdobra-se a dinâmica social” (Rosa, Poelking e Gruber, 2011, p. 9).

De acordo com os autores Rosa, Poelking e Gruber (2011), o lado da afetividade está interligado ao intelecto, ele estrutura o sentimento e as emoções, conduzindo o potencial criador até a ação do fazer.

A criatividade está presente em momentos inesperados, como nas ações de fala, sonho, pensamento, que são desenvolvidas de acordo com a personalidade de cada individuo, sendo estes comportamentos naturais do ser humano. “Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los” (OSTROWER, 1986, p.142).

Ostrower (1986) propõe a ideia de que o processo criativo conecta os níveis da existência do homem - o “ser consciente-sensível-cultural”, influi sobre o comportamento criativo, ou seja, o intelecto, o emocional e o nível cultural se confrontam interferindo nas decisões. O individuo passa por um período de identificação dos processos a serem realizados, seleciona e ordena as informações, formando assim a sua maneira pessoal de estimular noções criativas de acordo com suas experiências de vida.

> Assim como o próprio viver, o criar é um processo existencial. Não abrange apenas pensamentos nem apenas emoções. [...] São níveis contínuos e integrantes em que fluem as divisas entre consciente e inconsciente e onde desde cedo em nossa vida se formulam os modos da própria percepção. *São os níveis intuitivos do ser* (OSTROWER, 1986, p. 56).

A intuição está na base dos processos de criação, vem a ser dos mais importantes modos cognitivos do homem, continuando com Ostrower (1986, p. 56), a intuição é quem movimenta os desejos do sujeito que cria, permitindo lidar com situações novas e inesperadas e visualizar e internalizar a ocorrência de fenômenos, além de julgar e compreender as ações espontâneas. É através dela que trafega a inspiração.

Considera-se inspiração o caminho para a criação de algo novo. São pensamentos e associações naturais da mente que necessitam de um potencial inventivo, ou seja, técnica. Sem ela, a realização do inconsciente não se transforma em produto.

No entanto, Rosa, Poelking e Gruber (2011) afirmam que no processo criativo há sempre um desejo latente em encontrar respostas para um problema estimulado por um desafio. Então, buscam-se informações na memória de situações já experimentadas e transformam-nas em referencial para as novas informações, para que o individuo enfrente e resolva seletivamente os conflitos em prol da descoberta e da realização pessoal.

A criação necessita de profunda concentração e sensibilidade, ou seja, uma grande parcela de tensão psíquica contribui com o *insight* - “a visão intuitiva, um momento de inteira cognição que se faz presente quando internaliza-se de pronto, num instante ou breve momento” (ROSA, POELKING E GRUBER, 2011, p. 4), isto é, reconhecemos a criação imediatamente a partir dos valores relevantes e irrelevantes quando ocorrido o *insight*. “Sabemos de repente, temos inteira certeza, que desde o inicio era esse o seu significado.” (OSTROWER, 1986, p. 67).

Por outro lado, há quem diga que existem bloqueios na hora da criação. Fatores críticos que freiam nossa imaginação no instante de seu surgimento e que servem para estruturar, qualificar, organizar, delimitar e dar sentido ao que está sendo criado. Este julgamento é essencial, pois, é a partir dele que tentativas de novos começos e recomeços se materializam em algo que no final apresente sentido.

> [...] não tema ideias que lhe pareçam desordenadas, desalinhavadas. Por que desprezá-las? Ninguém que esteja experimentando tem de antemão formas bem-acabadas. Está buscando, experimentando. É por aí que tudo se inicia (PRECIOSA, 2005, p. 21).

Preciosa (2005) diz que o sujeito não para de se autoproduzir, é algo pertencente à essência humana, o que o torna mutável, ou seja, a mutação é produto dos encontros e das conexões que o homem permite-se fazer ao longo da sua existência.

Estamos em construção, interagindo com o mundo, estimulando a transformação da matéria, em constantes descobertas que nos auxiliam a conquistar novas possibilidades e da capacidade de ampliação do repertório. Onde o senso estético se mantém acessível.

No campo da produção estética, a criação das sensações desejadas é um caráter de identificação da matéria.

> Assim, o sentimento de beleza, ou o senso estético, deve ser reconhecido como modo de percepção essencialmente humano, caracterizando a sensibilidade e afetividade em seus níveis mais complexos. A beleza se expressa pela significação das formas, da harmonia de ordenação, do equilíbrio e da coerência expressiva, em determinada época e lugar (ROSA, POELKING E GRUBER, 2011, p.6).

De acordo com os autores (ROSA, POELKING E GRUBER, 2011), é de necessidade humana criar e dar significados a criação. Não é necessário se fazer um conceito lógico, pois de um modo subjetivo, não é encontrado na beleza o conhecimento, mas o sentimento e o prazer de experimentar a criação, prazer este que informa através da sensibilidade humana, de tal modo, que a nossa faculdade mental fica afetada frente ao objeto.

> Além das emoções particulares que orientam a apreensão do objeto (o juízo de gosto), as especificidades culturais, que influenciam o sentimento e o julgamento estéticos dentro de um determinado grupo devem também ser considerado (ROSA, POELKING E GRUBER, 2011, p. 6).

Por fim, entende-se como criação a manifestação cultural de cunho estético ou comunicativo. Nela você pode estimular a criação e a materialização de novas sensibilidades, estimular a consciência para dar um significado único e diferente para a obra, e ela pode provocar sensações e reflexões. O criador pode usar de suas experiências pessoais, de seus sentimentos e de seus conhecimentos como ferramenta de inspiração para criar, esta faz abrir a visão de mundo de quem a experimenta, podendo sensibilizar e transformar as pessoas que as exploram. “Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário” (OSTROWER, 1986, p.166).

Compreende-se que o processo criativo de um estilista ou designer de moda é buscar, a partir de sentimentos, conhecimentos e experiências pessoais, os caminhos para a sua coleção. A ideia ou conceito vem de processos intuitivos e das inspirações que atuam na subjetividade do criador.

> Além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjecturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina. Utilizando seu saber, o homem fica apto a examinar o trabalho e fazer novas opções (OSTROWER, 1986, p.55).

Além da personalidade do criador, o conceito da coleção é quem conduz toda a atividade fabril - escolha das modelagens, dos materiais, das cores, do acabamento, do desenho, da tecnologia utilizada, enfim, os meios para a

confecção do produto - o que também é importante para o desenvolvimento dos significados que irão ser transmitidos.

> O importante é o modo como cada um desenvolve sua forma, estilo e linguagem, ou seja, cada criador vai encontrar seu processo particular, próprio de criação, e desse modo fundamentar sua “obra”, seus produtos, coleções, estilo, a assinatura que o diferencia [...] (CARVALHO, FERNANDES, 2012, p.10).

Segundo Preciosa (2005), é preciso ousar para não sair recauchutando a subjetividade e cair nas formas dominantes e nos produtos reprodutíveis. É necessário provocar reações e atrair o consumidor fazendo com que ele deseje o novo, mostrando que aquele produto é indispensável para se conectar com o mundo.

John Galliano, estilista de “uma personalidade deslumbrante” (SEELING, 2011, p. 256) é reconhecido pela produção teatral transparecida nas peças que desenvolve.

Sabe-se que sua teatralidade vem de uma subjetividade criada desde a infância, suas experiências pessoais fizeram com que ele transportasse esse talento adquirido para as roupas. As caminhadas pelos mercados marroquinos de Tangêr, o trabalho no *National Theatre* como assistente de guarda-roupa e os figurinos criados por ele, acrescentaram para um currículo performático e exuberante.

Segundo Seeling (2011), a modelagem que Galliano dispõe em suas criações apresentam formas ousadas e muitas vezes revestidas de um fundo histórico.

> Os cortes de Galliano eram invulgares e complicados e (ainda) inadequados para a produção em série. Para os desfiles gastava o dobro da maioria dos seus colegas, pois nada tinham das habituais apresentações de vestuário, antes sendo encenações megalômanas com bastidores ao melhor estilo *hollywoodesco* – e sempre com uma história de fundo (SEELING, 2011, p. 264).

A busca por informações pode deixar o trabalho de um estilista mais interessante, são através de viagens, idas a museus, pesquisas em livros e arquivos que se obtêm subsídios para construir uma coleção legitimando o

tema proposto, logo, no momento em que apresenta a sua coleção e “assistimos a esse momento dramático em que saberemos se o costureiro deu ou não o melhor de si” (ERNER, 2005, p. 50).

> Em cada desfile Galliano transporta-nos para um país e uma época diferentes. Desde o Egito e os faraós com as máscaras dos deuses aos pátios de Versailles com bordados ultracaros e decotes pecaminosamente fundos, passando por um bordel de luxo em Hollywood com as amazonas e as dominadoras ou um mundo de fantasia com figuras míticas. Depois de ter viajado pela Ásia e de ter estudado o vestuário chinês e os quimonos japoneses, desenhou vestidos extremamente volumosos que são passeados lentamente na passerelle, por vezes coroados com plumas de marabu numa homenagem à rainha inglesa. As cores e os motivos vai buscá-los muitas vezes à pintura de velhos mestres – mas também não se esquiva ás flores de plástico em formato XXL. Cada modelo aparece uma única vez, sendo apresentado com a devida teatralidade ao estilo de Galliano (SEELING, 2011, p. 263).

A audácia que Galliano lida com o mundo da moda e sua fonte criativa exótica, o levaram a desenhar para grandes marcas, exibindo seu estilo arrojado e irreverente, recriando, por exemplo, uma nova imagem para a *Maison* Dior, com ideias mais contemporâneas.

> A primeira coleção para esta casa de longa tradição foi apresentada quase 50 anos após a estréia de Christian Dior – e com a mesma pompa. Galliano nunca mais parou de surpreender o mundo da moda, convertendo cada desfile num verdadeiro espetáculo pirotécnico. Provavelmente por esse motivo, muitos consideram Galliano mais como um decorador do que um estilista, o que não é justo. Manolo Blahnik, o incontestável número um do calçado contemporâneo, resumiu-o desta forma: “O produto mantém-se sempre visível sob os efeitos grandiosos. Se nos abstrairmos da teatralidade, ficam formas divinas que não são apenas apropriadas, mas também absolutamente modernas” (SEELING, 2011, p. 264).

Observa-se a maneira que Galliano expõe seu produto na passarela é fazer com que o exagero seja levado às últimas consequências e de forma representativa, elucidando as tendências de moda e apresentando os conceitos da coleção de forma subjetiva e performática. “Além disso, as criações de John Galliano são sempre apresentadas em alto estilo, em desfiles opulentos, verdadeiros shows de cenografia, maquiagem e cabelos que encantam os *fashionistas*” (GIOVANNA, 2012). Como podemos observar na figura 03:

Figura 03: Criações de John Galliano

Fonte: Disponível em: <http://www.calcados.com/2012/02/02/john-galliano-sua-trajetoria-e-suas-criacoes/>. Acesso em: 25 jun. 2014.

O talento de John Galliano é conduzido pelo seu processo criativo. Os conceitos advindos dos processos intuitivos fazem dele um criador conceitual, cuja linguagem da produção estética, que transmite para fundamentar sua coleção é própria de seu estilo, e que são materializados em peças do vestuário, com intuito de provocar novas sensações e reflexões.

Como qualquer estilista, Galliano também teve que adequar o seu estilo para a grife para a qual esteja trabalhando, neste caso o estilista teve que se adequar a *Maison* Dior. Também vale ressaltar que ele talvez tenha sido o designer que melhor se apropriou do “espírito genético” de Christian Dior**.**

4 A INTERAÇÃO ARTE-MODA NO DESFILE “BAILE DE ARTISTAS”

Desfile de moda é a composição entre a imagem, o som e o olfato, que culminam em aguçar os sentidos provocando desejos através do que é comunicado na passarela.

Segundo Roncoletta (2008), o desfile de moda é um momento único, “[...] geralmente levam muito tempo para sua concepção e organização, mas costumam ter curta duração” (SABINO, 2007, p. 222), e que tem como objetivo transmitir o conceito da marca, seu posicionamento de mercado e suas intenções por meio de um show, onde a edição dos *looks*[6], a cenografia, a música e o *casting*[7] de modelos se entrelaçam com o intuito de envolver o espectador, a imprensa e o profissional da área de moda que são possuidores da capacidade de influenciar a percepção através da exposição de suas analises sobre a coleção.

> Nos bailes organizados nos salões aristocráticos, as damas e os cavalheiros corriam para sentar na primeira fila a fim de observar os detalhes dos trajes usados pelos convidados. Olhar, observar e julgar era um dos passatempos da alta sociedade. Nesse jogo *voyeur* encontram-se reminiscências dos desfiles de moda. Da mesma forma, os desfiles de beleza organizados para decidir quem é a mais bela entre as candidatas também remetem ao período. Para a historiadora Valerie Steel, o início da história dos desfiles é incerto. A maioria concorda que as primeiras iniciativas de realização de desfiles da maneira como os entendemos atualmente foram promovidas por Charles Frederick Worth, considerado o primeiro couturier, no final do século XIX.
> Até a data, alfaiates e costureiras trabalhavam seguindo as ordens de suas clientes, que propunham ideias, tecidos e adornos. Charles Worth revoluciona o processo criativo propondo um sistema de produção inédito: ele impõe suas criações, concebidas de antemão com tecidos e adornos de sua escolha, e suas clientes se limitam a escolher os modelos que serão confeccionados sob medida.
> A nova maneira de entender a moda implica nova maneira de mostrá-la e é nesse ponto que surgem os desfiles. Ao que parece, Worth foi o primeiro a mostrar, em seu estúdio, as roupas no corpo em movimento das manequins. Fazia convites antecipados e mostra às clientes suas coleções em salões luxuosamente decorados, nos quais as jovens modelos desfilavam com suas criações (VILASECA, 2011, p. 31).

---

[6] De acordo Marco Sabino (2007), a palavra *look* é de origem inglesa, que traduzida para o português significa visual. *O look* faz referencia a aparência natural de uma pessoa ou conquistada por roupas, acessórios, maquiagens e penteados.

[7] Na moda, *casting* é a seleção de uma equipe de modelos para compor o elenco de um desfile, comercial, foto ou vídeo.

De acordo com Braga (2009), foi no momento da industrialização quando se viu a necessidade de comercializar roupas prontas. A partir deste momento se iniciaram os desfiles de moda. Charles Frederick Worth, também conhecido como o pai da alta-costura, foi o primeiro a instaurar manequins vivas para exibir suas criações aos clientes.

> A ascensão da modelo e o desfile de moda estão diretamente ligados ao aumento da produção em massa na esteira da industrialização; manequins vivas foram usadas pela primeira vez no século dezenove e começaram a se exibir em desfiles de moda no inicio do século vinte. Quando os ateliês de alta costura passaram a apresentar suas roupas em modelos vivas, estas viram-se espelhadas em manequins nas vitrines das lojas de departamentos (EVANS, 2002, p. 32).

Conforme Braga (2009), a popularização dos desfiles de moda cresceu de acordo com o aumento da importância do costureiro. Hoje, a moda ultrapassou as barreiras das classes sociais e das nacionalidades, o que culminou em uma concorrência maior entre os costureiros, e os desfiles se transformou em grandes shows, cada vez mais inovadores e performáticos, além de terem se tornado eventos disputadíssimos para assisti-los entre profissionais do setor, personalidades, consumidores e curiosos de moda.

Roncoletta (2008) diz que para a produção de um desfile de moda, é necessária a ambientação, ou seja, um local onde irá ser realizada a mostra, este é de extrema importância, pois é onde será veiculada a cena, unindo todos os elementos presentes no desfile. Também se faz necessário a produção de moda, ou seja, a escolha de um *casting* (escalação das modelos), pois são elas quem mostram os *looks* ao longo da passarela, com atitude às vezes performática proposta a partir de um conceito. Além disso, é feito a edição dos *looks*, o que configura uma harmonização de cores, formas e materiais, para dar movimento e ritmo na coleção na passarela. Ainda tem a escolha da trilha sonora que ampara o desempenho das modelos e legitima a sensibilidade do espectador.

> Muitas vezes, o significado de uma coleção e a maneira como é transmitida criam mais impacto do que a própria coleção. A roupa deixou o centro em torno do qual gira o espetáculo para ser o complemento de um objetivo maior, que é a transmissão de uma imagem através de um ou vários conceitos (RONCOLETTA, 2008, p. 97).

A proposta de uma passarela, segundo Braga (2009), é que ela serve como “lente de aumento”, pois em um desfile de moda normalmente são colocadas roupas exageradas diferentemente do que são usadas no dia-a-dia, para que facilite o entendimento do conceito, “É por isso que normalmente os desfiles são espetaculosos e usam do recurso da complementação da produção [...]” (BRAGA, 2009, p. 23), para que aquele excesso seja logo identificado e interpretado por jornalistas, produtores de moda, confeccionistas e outros profissionais do setor, e em seguida seja transformado em produto de consumo, sendo diluído até cair nas camadas mais populares.

4.1 ALTA-COSTURA

A alta-costura é originária da França e conhecida pela confecção artesanal de roupas sofisticadas, exclusivas e originais, que necessitam de simplicidade e extrema dedicação na hora da fabricação.

Segundo Marco Sabino (2007), a alta-costura é comandada pelo *Chambre Syndicale de La Haute*, criado em 1868 em Paris, com o intuito de diferenciar confecção de alta-costura, instituindo rígidas condições para ser parte do quadro de profissionais. Por exemplo, “Um só vestido pode exigir até 150 horas de trabalho e conta com manufatura superespecializada” (PALOMINO, 2003, p. 25).

Após um desfile produzido pelas *Maisons*, as clientes vão até o ateliê do estilista, e este faz a roupa sob medida, num processo manual onde o lado avesso tem que estar perfeito tanto quanto o lado direito da peça.

> Embora seja utilizado em outros países, o termo alta-costura é protegido juridicamente, ficando impedido de usá-lo quem não for devidamente reconhecido pela comissão sediada no Ministério da Indústria Francesa. Os principais critérios, estabelecidos em 1945 e atualizados em 1992, são de empregar quinze pessoas, no mínimo, nos ateliês e apresentar duas coleções por ano (primavera/verão e outono/inverno) à imprensa com, no mínimo, 35 passagens compostas por modelos de roupas para a noite e para o dia (SABINO, 2007, p. 37).

De acordo com Érica Palomino (2003), a alta-costura nasceu quando Charles Frederich Worth abriu sua *Maison* com roupas direcionadas ao público burguês, depois de serem adotadas pela alta sociedade, o estilista deixou de ser comparado a um simples costureiro e a profissão foi ganhando visibilidade.

Naquele tempo havia muitas pessoas trabalhando em prol da alta-costura, mas foi na década de 1960 que a mentalidade do consumidor de moda e o poder aquisitivo da população mudaram. O *prêt-à-porter* trouxe consigo a moda industrializada, ou seja, roupas confeccionadas em grande escala e com preço mais acessível. Muitas das casas de alta-costura nessa época faliram pelo alto custo das peças produzidas. Mas na década de 1990 que a alta-costura vivenciou uma grande retomada com o estilista John Galliano, que colaborou com uma nova estrutura de estilo, lançando shows fantasiosos que contribuíam para o marketing, e despertando o desejo de muitos consumidores.

> A grande virada ficou a cargo de Bernard Arnault, o poderoso chefão da Louis Vuitton Moët Henessy (LVMH). O megaexecutivo tirou Hubert de Givenchy de sua *maison* e pôs o rebelde Galliano no lugar daquele lendário estilista. Com isso, criou interesse da mídia pela alta-costura [...] (PALOMINO, 2003, p. 24).

Os desfiles de alta-costura impulsionam uma maior visibilidade à marca, pois elas não faturam apenas com estes eventos, mas a fama que promovem permite o lançamento de produtos mais acessíveis como perfumes e maquiagens, encontradas em *freeshops*[8], lojas de departamentos e perfumarias em vários pontos do planeta.

Conforme Palomino (2003, p. 26), estima-se que hoje existam em torno de 500 compradoras de alta-costura, entre elas socialites, princesas árabes, e recentemente celebridades da cena musical e do cinema. Algumas dessas clientes consomem alta-costura, pois estão condicionadas a usarem vestidos exclusivos, não podendo se dar o luxo de ver alguém usando o mesmo modelo que o seu. Já outras consomem a alta-costura como objetos de arte, fazendo com que a moda ultrapasse a barreira das passarelas e caminhe em direção

---

[8] Os *freeshops,* também conhecidos como Duty-Free Shops, são lojas localizadas no interior de aeroportos ou navios, onde são vendidos produtos com isenção ou redução de impostos.

aos museus, coleções particulares e até mesmo escolas e faculdades de Moda.

4.2 ANÁLISE DO DESFILE “BAILE DE ARTISTAS”

Motivado e curioso pela história dos grandes bailes de gala do pós-guerra, a festa Baile dos Artistas, da qual Christian Dior participou, em 1956, evocou em John Galliano o espírito vivido naquela época, que os traduziu em alta-costura na coleção “Baile de Artistas” Outono/Inverno 2007-08 Couture.

O desfile comemorativo de 60 anos da Casa Dior, misturou inspirações como o reinado de Luís XIV conhecido como “Rei Sol”, que transformou Versailles em palácio real, e na história da *Maison* Dior, elucidando características da marca desde o “*new look*” de 1947 até a atualidade da época, com os vestidos teatrais de Galliano.

John Galliano ainda aproveitou para criar nesta mesma coleção, buscando inspiração e referências nas obras de pintores famosos como Picasso, Caravaggio, Monet, Renoir, Boldini, Sargent, Goya, Rembrandt, Velázquez, Michelangelo, Matisse, entre outros, montando 45 looks ricos em detalhes e exageros para compor a coleção.

O desfile reuniu várias *top models* em seu *casting*, como a brasileira Gisele Bündchen, a quem coube a função de abrir o desfile, Naomi Campbell, Linda Evangelista, Carol Trentini e Stella Tennant. A primeira fila era composta por convidados importantes como Sophia Coppola, Pedro Almodóvar, o estilista Pierre Cardin e as atrizes Charlize Theron, Monica Bellucci, Eva Green, Juliette Binoche, dentre outros.

Ao final do desfile, John Galliano entrou vestido de toureiro, para receber os aplausos e também comemorar 10 anos como diretor artístico da Dior. Dedicou está coleção a Steven Robinson, com quem trabalhou por 21 anos, que falecera um ano antes do espetáculo.

Peças deste desfile foram parar em exposições logo após o evento, sendo consideradas e tratadas como obras de arte.

O que mais chamou a atenção e atraiu neste desfile foi a produção estética composta pelos *looks* mostrados, onde, John Galliano abusou das cores e dos volumes fazendo uma alusão clara às pinturas transmitida para as roupas.

> [...]"La Bündchen" inaugurou o evento com o célebre terninho Dior: saia reta e tailleur estruturado com corte evasé. Seguiram-se vestidos de volumes espetaculares, com golas e mangas vaporosas, descendo em cascata até o chão e cuja seda ou tafetá se estendem em segmentos às vezes assimétricos. O estilista Gruau, que desenhou para Christian Dior, inspirou em John Galliano um vestido branco, cujo drapeado forma uma enorme rosa na cintura. Um traje de arlequim evoca Picasso, e um longo azul-violeta com corselete presta homenagem a Tiepolo. Os mestres da pintura espanhola inspiram vários modelos, entre eles um longo preto de cauda rendada, uma referência a Goya (UOL, 2007).

O impactante desfile de Galliano mostrou uma coleção conceitual de vestidos luxuosos para a alta-costura inverno 2007/08, que remetiam aos trajes da nobreza, além de fazer referências espanholas do país natal do estilista. Observa-se que na coleção havia um evidente exagero de tecidos provocando volumes inesperados e assimetrias, além de bordados impactantes. Os tecidos utilizados como tafetá, sedas, duchesse e cetins foram, às vezes, envolto por crinolinas e espartilhos bem apertados. Ainda completando os *looks* se via golas e mangas com volumes diferenciados, a seguir ilustrados pela figura 04, figura 05, figura 06 e figura 07, os modelos apresentados na coleção:

Figura 04: Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014

Figura 05: Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 06: Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 07: Christian Dior - Outono/Inverno 2007-8 Couture

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Compondo as produções, os acessórios fizeram-se presentes em todos os *looks*. Casquetes irreverentes e chapéus inusitados, broches exuberantes, brincos, colares, gargantinhas, anéis e pulseiras em pedras preciosas e semipreciosas, em tamanhos variados, completando sapatos de salto-alto e luvas. Tudo em concordância com a produção montada para facilitar o entendimento do conceito da coleção aos espectadores, conforme, figura 08, figura 09 e figura 10 abaixo:

Figura 08: Acessórios

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 09: Acessórios

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 10: Acessórios

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Como parte do desfile, o cabelo e a maquiagem servem para compor o visual, se fazem necessários, pois ajudam a complementar as roupas.

No desfile apresentado por John Galliano, cada *look* mostrado possuía sua aparência peculiar, nota-se na maquiagem muitas cores fortes como rosa, azul, lilás e verde, muito brilho, sobrancelha deslocada, pintas bem colocadas, além de rostos levemente empoados como no passado. Os cabelos, ora soltos, ora presos, às vezes, por algum acessório inusitado, também legitimaram a produção do desfile, representados na figura 11:

Figura 11: Maquiagem e penteado

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

O local escolhido para a apresentação do desfile é de suma importância, pois a locação escolhida é ambientada para a cena ligando todos os elementos presentes, para um bom entendimento da coleção.

Para o desfile, “Baile de Artistas”, o local escolhido foi o Palácio de Versalhes, “O local era a L'Orangerie, uma ala do palácio, antiga morada de Maria Antonieta, a ultima rainha francesa” (GARMENDIA, 2007).

No fundo da passarela, nota-se um espelho gigante, uma escada e nas laterais da passarela imensas estátuas em gesso com formato de animais adornados por plumas, molduras de quadros em tamanhos extraordinários, cenários de castelo montados em diversos pontos da passarela, arranjos de flores e bancos de praça.

Figura 12: Cenário

Fonte: Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT215170-17631,00.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

As modelos usavam o cenário para se movimentar e integrar posando para fotografias, passando a ideia de que as peças fossem obras de arte, sendo expostas nos corpos das manequins, e completando seguranças ao redor da passarela faziam a escolta dos produtos de luxo ali exibidos, como parte de um museu ou loja que requerem proteção contra roubo ou agressões.

Figura 13: Cenário

Fonte: Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior>. Acesso em: 13 jun. 2014.

> Com a iluminação adequada criará a atmosfera pretendida, as modelos exibirão a cor da pele determinada, e o público focará sua atenção nos detalhes destacados. E não existe desfile de prestígio que não possua uma boa trilha sonora. Um DJ especializado buscará e misturará os temas musicais mais adequados ao conceito escolhido (VILASECA, 2011, p. 19).

A trilha sonora de um desfile serve como pano de fundo de uma coleção, servindo para dar ritmo e inspirar emoção do espectador, ajudando a passar o conceito idealizado pelo criador.

Segundo Jean Paul Cauvin (2007), a trilha sonora foi bastante eclética, diferentes músicos foram promovendo ao longo da passarela, recortes harmoniosos, um grupo cantando música flamenca, lembrando a origem espanhola de John Galliano, e um quarteto de cordas tocando violinos e violoncelos.

Sabe-se que após o desfile, aconteceu uma grande festa nos jardins do palácio, todos os convidados foram então comemorar o aniversário da *Maison* Dior junto de John Galliano.

4.3 INTERAÇÃO ENTRE MODA E ARTE

A relação entre moda e arte começou no século XX e inicio do século XXI, quando teve um fortalecimento da indústria e do mercado. A afinidade entre as duas áreas tem refletido na fabricação de objetos com características e conceitos artísticos, fazendo com que a moda perca suas qualidades mercadológicas.

> [...] muitos dos profissionais que participam desta atividade abordam a Moda não como um dos ramos da indústria, mas como o desenvolvimento de objetos artísticos. Assim, é bastante comum que as atividades de alguns dos designers de moda sejam comparadas à produção de objetos de arte, de maneira que suas criações são percebidas como únicas e inovadoras, [...] (SANTOS, JÚNIOR E CIPINIUK, 2012, p. 2).

Seguindo o pensamento dos autores citados acima, também podemos dizer que a moda se embebeda na fonte da arte para criar objetos do vestuário, pois a arte oferece à moda subsídios para amparar a ideia do novo. O estilista pode buscar sua inspiração na literatura, nas artes visuais, na música, na dança e no teatro, que será enunciada através de uma narrativa verbal explicando os fragmentos simbólicos encontrados nas peças, e fazendo com que a arte tenha a capacidade de ser um fator de distinção na moda.

De acordo com João Braga (2011), um dos primeiros casos em que um estilista relacionou moda com a arte foi de Paul Poiret, que criou estampas inspiradas nas obras de Raoul Dufy e que também criou vestidos inspirados na pintura neoclássica de David.

Nos anos 1930, a italiana Elsa Schiaparelli, em parceria com Salvador Dali, criou peças com aspectos oníricos advindos do Movimento Surrealista. Outra mulher que se baseou na relação entre arte e moda foi Madeleine Vionet, que propôs modelos inspirados na arte grega.

Continuando com Braga (p.75-79, 2011), vale lembrar que outros estilistas também fizeram esse diálogo e obtiveram sucesso: Cristóbal Balenciaga, nos anos 1950, se inspirou na pintura; Yves Saint-Laurent, nos anos 1960, se inspirou na geometria de Piet Mondrian, também nesta década inúmeros foram os estilistas que se inspiraram *pop art* de Andy Wharol e Roy Lichtenstein, e na *op art* de Victor Vassarely. Nos anos 1970, o movimento "Wearable Art" valorizou peças feitas à mão e a criação de peças exclusivas, e nos anos 1980, a moda revisitou tanto na arte quanto na própria moda, o passado, configurando a estamparia um valor conceitual.

> A pretensão artística e a insolência da gente de moda não podem ser separadas de uma corrente mais ampla de ambição, de suficiência, de vaidade, própria à entrada das sociedades na era da igualdade (LIPOVETSKY, 2009, p. 100).

Esta posição que a moda ganha a partir dos anos 1990, só afirma uma relação entre moda e arte, pois uma, assim como a outra, possuem caráter artístico.

> Os museus de moda transformaram-se em referências do processo cultural e as megaexposições de moda competiram, em público, com as tradicionais exposições de arte. Os desfiles de moda tornaram-se verdadeiras *performances* e *happenings*. Centros artísticos como Paris Londres, Florença e Nova York passaram a ter, em seus circuitos culturais, grandes exposições com o enfoque na moda (BRAGA, 2011, p. 78).

A moda, assim como a arte possuem características semelhantes e que vão além da sensibilidade criativa. Moda e arte possuem a capacidade de marcar época, de formar ideias, provocar reações e comunicar, ocasionando a inclusão da moda dentro de um viés artístico.

> Se a gente de moda conseguiu ser reconhecida como artistas de gênio é que uma nova sensibilidade para as superfluidades, novas aspirações apareceram, valorizando de maneira inédita feitos até então indignos de ser levados em conta (LIPOVETSKY, 2009, p.101).

Contudo, o estilista que vem associando seu trabalho à arte, enriquece suas coleções com novos conceitos agregado de sentidos e valores, não apenas o de mercado.

Quando o assunto é se inspirar na arte para fazer moda, John Galliano consulta na arte preceitos para se fazer roupas com conceitos artísticos é um dom intrínseco, pois ambas caminham juntas quando querem transmitir a imagem de seu tempo.

> Há quem diga que a arte imita a vida. Mas, em uma breve passada pelos livros, o que se observa é que na maioria das vezes a arte se alimenta da própria arte, criando novos conceitos e escolas. A influência sobre a moda também tem rendido momentos marcantes. Algumas vezes com referências sutis, que lembram movimentos como o *Art Déco* e o Minimalismo, e outras com alusões tão diretas que os modelos se transformam em verdadeiras homenagens (PORTILHO, 2010).

Como o caso do desfile “Baile de Artistas” de John Galliano, onde o estilista expressou em sua coleção verdadeiras homenagens aos pintores, e segundo Brandon (2007), Galliano também usou de uma metáfora e homenageou Christian Dior e ele mesmo, como verdadeiros artistas. Segue adiante alguns exemplos sobre como Galliano transpôs as obras de arte em suas criações, na referida coleção:

> A bandeira britânica foi pilotado por Naomi Campbell vestido como um exótico musa pré-rafaelita em um rosa pálido robe como vestido, incrustado com bordados de prata e uma tiara de prata maciça, inspirado em Alma-Tadema; a ruiva Lily Cole, em um lilás sombreado a crinolina violeta baseado na obra de Tiepolo; e o aristocrático Stella Tennant, dramático no vestido vermelho-sangue e altaneiro Mantilla do laço preto, inspirado por El Greco (ALEXANDER, 2007).

Inspirado na obra de Patrick Mauries, a capa do livro Jean Cocteau, serviu de inspiração para John Galliano que a representou, conforme a figura 14, em um vestido longo de cintura marcada, saia ampla e volumosa, nas cores preto e branco cuja linha do desenho da obra foi transposta para se tornar bordado e estampa da peça. Nota-se que ouve uma inversão de cores entre a capa do livro e o vestido, completando o *look* acessório de cabeça e luvas longas pretas. Além da obra, a produção de Galliano também teve outras

inspirações que também estava ocorrendo dentro do desfile, como por exemplo, a referência espanhola.

> Este olhar parecia fazer referência a Espanha de ocupação romana clássica e as pichações nas paredes de edifícios parecia ser a base da face no busto, enquanto a harpa parecia saído de uma cena de um vaso clássico com sátiro de e pan-gaiteiros (BRANDON, 2007).

Figura 14: Capa do livro Jean Cocteau

Fonte: Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

A pintura do artista Mark Rothko no quadro *White Center (Yellow, Pink and Lavender on Rose),* de 1950, possui o formato retangular e uma sequência de cores que se inicia em um retângulo amarelo horizontal, uma faixa preta, uma faixa branca e a metade inferior na cor lavanda. Observa-se que as cores e as formas geométricas, se tornaram inspiração para a construção do vestido, figura 15, de silhueta mais justa e com drapeados nos ombros e busto. As cores amarelo, preto, branco, rosa e lavanda, tornaram-se estampa e deram movimento a peça. A modelo também leva um adorno na cabeça inspirado em uma máscara de carnaval e adornada com plumas nos mesmos tons da pintura.

Figura 15: White Center (Yellow, Pink and Lavender on Rose) Mark Rothko, 1950

Fonte: Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Paul Cézanne possuía um estilo que representava as formas fundamentais em suas pinturas, ou seja, a esfera, o cilindro e o cone. Entre 1888 e 1890 pintou quatro obras com temas *Commedia dell'Arte*. John Galliano retratou em seu trabalho, figura 16, uma dessas telas, a pintura Arlequim do ano 1888. A obra é representada na produção do estilista através do chapéu com máscara de carnaval (indicando o tema), o rufo que o personagem usa é exaltado na peça e a estampa em formas geométricas que é respeitada pelo estilista, por meio de uma paleta de cores escolhida pelo designer para a coleção.

Figura 16: Harlequim, Paul Cezanne, 1888

Fonte: Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Edgar Degas foi um pintor fascinado pelo mundo das bailarinas. Ele as pintou em várias circunstâncias, seja no palco dançando, nos ensaios ou em momentos de descanso. Selecionado por John Galliano a tela *Dancers Behind a Window Blow,* 1879, representando duas bailarinas atrás das coxias. O estilista exprimiu a textura e o volume da saia da bailarina do quadro, em um top, no qual o busto e os ombros da modelo são aplicados uma plumagem volumosa nas cores advindas da tela, figura 17 abaixo. As flores na cabeça da bailaria também foi representada na produção do *look* do estilista.

Figura 17: Dancers Behind a Window Blow, Edgar Degas, 1879

Fonte: Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Claude Monet foi um dos precursores da pintura impressionista. Podemos observar em sua pintura os contrastes de luz e sombra obtidos através de cores complementares, neste caso, o amarelo próximo do violeta produz o efeito contrastante.

Nota-se neste vestido de formas arredondadas desenhado por John Galliano uma harmonia de cores oriunda da tela *Vétheuil*, do ano de 1901, figura 18. Os contrastes de cores proeminentes se tornaram bordados na peça e a cor predominante foi para o tecido.

Figura 18: Vétheuil, Claude Monet, 1901

Fonte: Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

As referências usadas por John Galliano na construção dos *looks* da sua coleção “Baile de Artistas” são inerentes às obras usadas. Isso é visualizado com facilidade e reconhecido por quem tem conhecimento intrínseco do assunto. Cores, formas e texturas sendo transportados das telas para a moda, objetivando conceitos e experiências diferentes do que estamos condicionados a ver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do entendimento de processo criativo na moda, podemos observar que John Galliano busca através de muitas pesquisas, seja em livros, viagens e museus, embasamentos para criar. É por meio dos seus conhecimentos, de suas experiências pessoais, de sua intuição e do desejo em comunicar com o seu consumidor que ele transmite toda a sua sensibilidade e subjetividade para conceber o novo.

Sabemos que o estilo de Galliano vem se aprimorando desde a infância com a influência da mãe pelo gosto do estilo barroco e pela dança flamenca, pelos momentos em que tinha que passar frente aos exuberantes mercados marroquinos para chegar à escola, pelo trabalho no *National Theatre,* pela concepção de figurinos e pelos conhecimentos adquiridos na faculdade de moda Saint Martin's School of Art.

Sua carreira foi evoluindo dentro da moda, e foi em 2007, na coleção de outono/inverno que Galliano homenageou o aniversário de 60 anos da Maison Dior com um desfile denominado "Baile de Artistas", que levava como principal inspiração obras de artes de pintores famosos.

Como pode ser notado ao longo do trabalho, a teatralidade de Galliano é visto em todos os fragmentos do desfile, desde as roupas, através dos brilhos, dos volumes, da riqueza dos bordados e das cores, até na cenografia, através da grandiosidade dos objetos inseridos em cena.

Nota-se que John Galliano conseguiu explorar muito bem o tema escolhido, as modelos caracterizadas com elementos das obras de arte que cada uma representava, seja na cor, textura, estampa ou volume, estavam explicito convivendo harmoniosamente os atributos em cada modelo. Tomamos como exemplo o quadro de Paul Cezanne, Arlequim, ano de 1888, o chapéu, o rufo e a estampa contida na pintura estavam sendo representados na produção, o mesmo aconteceu com o quadro *Dancers Behind a Window Blow,* 1879, de Edgar Degas, onde as cores e texturas da saia da bailarina foram ser explorado como volumes em plumas no busto e nos ombros da modelo.

Dessa forma, pode-se concluir que o exercício criativo de John Galliano no desfile "Baile de Artistas" foi coerente, pois ele conseguiu transmitir, mesmo

que de forma própria, artística e conceitual suas práticas do design de moda facilitando o entendimento do espectador, que com a sua carga de conhecimento inerente ao assunto, consiga identificar o tema da coleção: Baile de Artistas.

A pesquisa, através das metodologias descritas, permitiu a análise e comparação das informações e dados obtidos, resultando na conquista dos objetivos almejados e descritos anteriormente.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, James. **John Galliano | *Les Incroyables,* Londres, 1984**. [S.I.] Civilian, 2013. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://civilianglobal.com/design/les-incroyables-london-1984-john-galliano-central-saint-martins-club-to-catwalk/&prev=/search%3Fq%3Dles%2Bincroyables%2Bgalliano%26client%3Dfirefox-a%26hs%3DG6Q%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dfflb%26biw%3D1920%26bih%3D887>. Acesso em: 22 jun. 2014.

ALEXANDER, Hilary. **Comemorando 60 anos de alta costura Dior**. [S.I.] The Thelegrafy, 2007. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/1556403/Celebrating-60-years-of-Dior-haute-couture.html&prev=/search%3Fq%3Djohn%2Bgalliano%2B2007%2Bdior%2Bwinter%2Barte%26start%3D20%26client%3Dfirefox-a%26sa%3DN%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dsb%26biw%3D1920%26bih%3D887>. Acesso em: 06 jul. 2014.

BENAÏM, Laurence; Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. **Yves Saint Laurent**: uma biografia. São Paulo: Siciliano, 1994.

BRAGA, João. **Um século de moda**. 1. ed. São Paulo: D'Livros Editora, 2013.

BRAGA, João; Colaborado por Mônica Nunes. **Reflexões sobre moda**, Volume I. 5. ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2011.

BRAGA, João; Org. Mônica Nunes. **Reflexões sobre moda**, volume IV. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRANDON. **Christian Dior Haute Couture Outono / Inverno 2007**. [S.I.] Feigned Perfection, 2007. Disponivel em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://feigned-perfection.blogspot.com/2007/09/christian-dior-haute-couture.html&prev=/search%3Fq%3Djohn%2Bgalliano%2B2007%2Bdior%2Bwinter%26client%3Dfirefox-a%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dsb%26biw%3D1920%26bih%3D887>. Acesso em: 06 jul. 2014.

BUENO, Francisco da Silveira; Ed. ver. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Singer. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

CARVALHO, Ana Paula Lima de; FERNANDES, Carla Mendonça Moura. **Processo de criação através de Yohji Yamamoto**. Redige, Senai Cetiqt. v. 3, n. 02, ago. 2012.

CATARINA. **Os homens que comandaram a Dior**. 2014. Disponível em: <http://www.revistacatarina.com.br/2014/01/os-homens-em-frente-a-dior/>. Acesso em: 27 mai. 2014.

CAUVIN, Jean Paul. **Christian Dior Haute Couture Fall 2007:** O Bandarilha de Moda no Reino da Arte. [S.I.] Fashion Reporters, 2007. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://fashionreporters.com/953/christian-dior-haute-couture-fall-2007-the-banderilla-of-fashion-in-the-realm-of-art/&prev=/search%3Fq%3Djohn%2Bgalliano%2B2007%2Bdior%2Bwinter%2Barte%26start%3D30%26client%3Dfirefox-a%26sa%3DN%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26channel%3Dsb%26biw%3D1920%26bih%3D887>. Acesso em: 06 jul. 2014.

CIPINIUK, Alberto; ET. AL. Usos e abusos do conceito de arte dentro do campo da produção de vestuário. In: 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2012. **Anais...** São Paulo.

ERNER, Guillaume. Trad. Eric Roland René Heneault. **Vítimas da moda?**: como a criamos, por que a seguimos. São Paulo: Editoria Senac São Paulo, 2005.

EVANS, Caroline; Org. Ginger Gregg Duggan. O espetáculo Encantado. **Fashion Theory**: A revista da moda, corpo e cultura. São Paulo: Anhembi Morumbi. v.1, n.2. junho, 2002.

GARMENDIA, Ana Clara. **Moda Paris: 60 anos da Dior, a celebração em miúdos...**.[S.I.] Blogspot, 2007. Disponível em: <http://anaclaragarmendia.blogspot.com.br/2007/07/moda-paris-60-anos-da-dior-celebrao-em.html>. Acesso em: 13 jun. 2014.

GIOVANNA. **John Galliano. Sua trajetória e suas criações!** [S.I.] calcados.com, 2012. Disponível em:

<http://www.calcados.com/2012/02/02/john-galliano-sua-trajetoria-e-suas-criacoes/>. Acesso em: 25 jun. 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; Trad. Maria Lucia Machado. **O império do efêmero:** A moda e seu destino nas sociedades modernas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARIE CLAIRE. **John Galliano é demitido da Dior após manifestações de racismo.** Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT215170-17631,00.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

PALOMINO, Érica. **A moda**. 1.ed. São Paulo: PubliFolha, 2003. (Coleção Folha Explica).

POELKING, Cristiane; et. al. O estilista em ato: processo de criação e produção estética. In: 7º Colóquio de Moda, 2011. **Anais...** Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-Moda_2011/GT12/Comunicacao-Oral/CO_89564O_Estilista_em_Ato_Processos_de_Criacao_e_Producao_Estetica_.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2014.

PORTILHO, Gabriela. **A arte imita a arte:** os quadros que inspiram as passarelas. [S.I.] ELLE, 2010. Disponível em: <http://elle.abril.com.br/materia/a-arte-imita-a-arte-os-quadros-que-inspiram-as-passarelas-2010-08-19-2#image=5159689ec8b34a2e4b000919>. Acesso em: 13 jun. 2014.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética**: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005. (Coleção moda e comunicação / Kathia Castilho, coordenação).

PURETREND. **John Galliano: Biografia de John Galliano**. Disponível em: <http://www.puretrend.com.br/pessoas/john-galliano_p1949>. Acesso em: 22 jun. 2014.

PURETREND. **O retorno:** John Galliano é convidado por Oscar de La Renta para a Semana de Moda de NY. 2013. Disponível em: <http://www.puretrend.com.br/secao/fresquinhas_r11/o-retorno-john-galliano-e-

convidado-por-oscar-de-la-renta-para-a-semana-de-moda-de-ny_a9049/1>. Acesso em: 22 jun. 2014.

RG. **John Galliano:** Nova chance. 2014. Disponível em: <http://siterg.terra.com.br/?moda_tags=john-galliano>. Acesso em: 24 jun. 2014.

RG. **Não rolou**. 2013. Disponível em: <http://siterg.terra.com.br/moda/2013/05/08/nao-rolou/>. Acesso em: 01 jul. 2014.

ROE, Louise. **Autumn/Winter 2007-08 Couture Christian Dior**. [S.I.] Vogue UK, 2007. Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/fashion/autumn-winter-2007/couture/christian-dior >. Acesso em: 13 jun. 2014.

RONCOLETTA, Mariana Rachel. **Nas passarelas, o stylist como co-autor**. DOBRAS, v.2, n.4, São Paulo, setembro 2008.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SEELING, Charlotte; Trad. Isabel Remelgado, Margarida Seiça. **Moda 150 anos**: Estilistas, Designers, Marcas. Alemanha: H.F. Ullmann, 2011.

UOL. **Gisele Bündchen abre desfile do 60º aniversário da Dior em Versalhes**. 2007. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/ultnot/afp/2007/07/02/ult4249u62.jhtm>. Acesso em: 05 jun. 2014.

VILASECA, Estel. Trad. Ana Lúcia Trevisan**. Como fazer um desfile de moda**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2011.